

Jorge Mario Bergoglio
FRANCISCO

AS CARTAS DA TRIBULAÇÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bergoglio, Jorge Mario

Francisco : as cartas da tribulação / Jorge Mario Bergoglio ; [tradução Jaime A. Clasen]. -- São Paulo : Paulinas, 2020. -- (Coleção Francisco)

Título original: Lettere della tribolazione

ISBN 978-85-356-4580-4

1. Cartas 2. Francisco, Papa, 1936- 3. Igreja Católica 4. Reflexões
5. Vida cristã I. Título. II. Série.

19-30967

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Cartas : Reflexões : Vida cristã : Cristianismo 248.4

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Título Original da Obra: Lettere della tribolazione
© 2018, La Civiltà Cattolica, Roma. © 2018, Libreria Editrice Vaticana.

1ª edição – 2020

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*

João Décio Passos

Tradução: *Jaime A. Clasen*

Copidesque: *Ana Cecília Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Projeto gráfico: *Manuel Rebelato Miramontes*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Imagem de capa: *Servizio Fotografico L'Osservatore Romano*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 — São Paulo — SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br>

editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo — São Paulo, 2020

SUMÁRIO

Prefácio 7
Francisco

Introdução 9
Antonio Spadaro S.I.

PRIMEIRA PARTE AS TRIBULAÇÕES DE ONTEM

A doutrina da tribulação..... 17
Jorge Mario Bergoglio S.J.

Cartas dos superiores-gerais da Companhia de Jesus..... 23
Lorenzo Ricci S.I. e Jan Roothaan S.I.

Contra o espírito de “assanhamento” 69
Diego Fares S.I.

SEGUNDA PARTE AS TRIBULAÇÕES DE HOJE

FRANCISCO

“A ferida aberta, dolorosa e complexa da pedofilia”
Quatro cartas à Igreja do Chile

Guia de leitura das “Cartas à Igreja do Chile” 89
Diego Fares S.I.

Carta aos bispos do Chile
8 de abril de 2018.....103
Francisco

Carta aos bispos do Chile
15 de maio de 2018 107
Francisco

Carta aos bispos do Chile
17 de maio de 2018121
Fraternalmente, Francisco

Carta ao povo de Deus que peregrina no Chile
31 de maio de 2018 123
Francisco

FRANCISCO

“Erradicar a cultura do abuso”
Carta ao povo de Deus

Guia de leitura da “Carta ao povo de Deus”135
James Hanvey S.I.

Carta ao povo de Deus
20 de agosto de 2018145
Francisco

PREFÁCIO

Recordo que, quando conferi com o padre Miguel Ángel Fiorito S.I. o rascunho do prólogo que havia escrito para a primeira edição de *As cartas da tribulação*, o Mestre (assim o chamávamos porque ele era mestre e continua sendo, já que soube formar uma escola de discernimento) me fez explicitar um pouco mais o último parágrafo, no qual falava de fazer recurso à acusação de mim mesmo (cf. EE 48). Tratava-se de discernir e enfrentar bem a vergonha e a confusão que reinam quando o Maligno desencadeia uma perseguição encarniçada contra os filhos da Igreja, opondo-lhes a sã vergonha e confusão que a infinita misericórdia do Senhor e a sua lealdade fazem sentir a quem pede perdão por seus pecados. “Há uma graça ali” – me disse. “Explicita-a.”

Trinta anos depois e em outro contexto (embora a guerra seja a mesma e seja só do Senhor), a reedição destas “Cartas” – que “são um tratado de discernimento em épocas de confusão e tribulação” – nos encontra prontos, resolutamente, junto com outros companheiros que contribuem com suas reflexões no livro, a seguir cumprindo este encargo – agora com sabor de profecia de ancião – de “explicitar uma graça”.

Sinto que o Senhor me pede para compartilhá-las de novo. Compartilhá-las com todos os que sentem que o que querem – no meio da confusão que o pai da mentira sabe semear em suas perseguições – é lutar bem. Livres desse vitimismo, ao qual é tentador render-se e que, sabemos, esconde em seu seio o recurso da vingança, que não faz senão alimentar o mal que pretende eliminar.

Contra toda tentação de confusão e derrotismo, faz bem voltar a sentir o espírito paterno de nossos maiores que pulsa nestas *Cartas da tribulação*. Eles nos ensinam a escolher a consolação nos momentos de maior desolação.

Recomendo lê-las e rezar com elas. Estas “Cartas” são – foram para muitos em momentos particulares de suas vidas – verdadeira fonte de mansidão, coragem e lúcida esperança.

Francisco

INTRODUÇÃO

No Natal de 1987, o padre Jorge Mario Bergoglio assinou um breve prólogo a uma coleção de oito cartas dos padres-gerais da Companhia de Jesus.¹ Sete são do padre-geral Lorenzo Ricci, escritas entre 1758 e 1773, e uma do padre-geral Jan Roothaan, de 1831. As cartas nos falam de uma grande tribulação: a supressão da Companhia de Jesus. Com efeito, com o breve apostólico *Dominus ac Redemptor* (21 de julho de 1773), o papa Clemente XIV decidira suprimir a ordem como resultado de uma série de movimentos políticos. Posteriormente, em agosto de 1814, na capela da Congregação dos Nobres, em Roma, o papa Pio VII fez ler a bula *Sollicitudo omnium ecclesiarum*, com a qual era restaurada a Companhia de Jesus para todos os efeitos.

Em 1986, o então padre Bergoglio – tendo terminado o seu período como provincial e, depois, como reitor do Colégio Máximo e pároco em San Miguel – foi à Alemanha para um ano de estudos. De volta a Buenos Aires, prosseguiu seus estudos e ensinou Teologia Pastoral. Entretanto, a Companhia de Jesus preparava a LXVI Congregação de Procuradores, que se realizou entre 27 de setembro e 5 de outubro de 1987. A província argentina elegeu Bergoglio “procurador”, enviando-o a Roma com a tarefa de informar sobre o estado da província, discutir com os outros procuradores eleitos das distintas províncias sobre o estado da Companhia e votar acerca da oportunidade de convocar uma Congregação Geral da Ordem.

Foi nesse contexto que Bergoglio decidiu meditar e apresentar de novo aquelas cartas dos padres Ricci e Roothaan, porque, em sua

¹ *Las cartas de la tribulación*. Buenos Aires: Diego de Torres, 1988.

opinião, eram relevantes e de atualidade para a Companhia. E, para isso, escreveu um texto à maneira de prólogo, que assinou três meses depois, e que se estendia por mais de duas mil palavras, a metade das quais eram notas.

Antes de publicar o conjunto, tinha falado e discutido o seu texto com o padre Miguel Ángel Fiorito, padre espiritual e, de fato, mestre e guia de uma geração de jesuítas.²

Hoje, voltamos a apresentar este texto, que nesse entretempo não estava mais e tinha sido republicado recentemente pela *La Civiltà Cattolica Iberoamericana*.³ Apresentamos também as cartas dos propósitos-gerais, às quais o texto de Bergoglio faz referência, tal como foram publicadas em tradução ao espanhol em 1987.

Francisco não deixou de fazer referência nestes anos a estas cartas e às suas próprias reflexões de então. Por exemplo, mesmo sem referências explícitas, elas constituíram claramente a espinha dorsal de sua importante homilia para a celebração das vésperas na Igreja de Gesù, Roma, em 2014, por ocasião do 200º aniversário da restituição da Companhia de Jesus.

A ocasião mais recente foi a conversa privada com os jesuítas durante a sua viagem ao Peru.⁴ Nessa oportunidade, Francisco afirmou que as cartas dos padres Ricci e Roothaan “são uma maravilha de critérios de discernimento, de critérios de ação para não se deixar levar pela desolação institucional”.

² NARVAJA, J. L. Miguel Ángel Fiorito. Una reflexión sobre la religiosidad popular en el entorno de Jorge Bergoglio. *La Civiltà Cattolica Iberoamericana* II, n. 16 (2018), p. 66-77.

³ BERGOGLIO, J. M. La doctrina de la tribulación. *La Civiltà Cattolica Iberoamericana* II, n. 16 (2018), p. 15-21.

⁴ FRANCISCO. “¿Dónde es que nuestro pueblo ha sido creativo?”. Conversaciones con los jesuitas de Chile y Perú. *La Civiltà Cattolica Iberoamericana* II, n. 14 (2018), p. 7-23.

Também fez referência explícita às cartas quando falou aos sacerdotes, religiosos e religiosas, consagrados e seminaristas em Santiago do Chile, em 16 de janeiro de 2018. Na ocasião, convidou a encontrar o caminho a seguir “nos momentos nos quais a poeira das perseguições, tribulações, dúvidas etc. é levantada por acontecimentos culturais e históricos” e a tentação é “ficar ruminando a desolação”.

Claramente, Francisco queria dizer à Igreja do Chile uma palavra em tempo de desolação e de “turbilhão de conflitos”. Do mesmo modo que naquela ocasião – fazendo sempre referência a essas cartas –, falou de Pedro. Com a pergunta “Tu me amas?”, Jesus tinha a intenção de libertar Pedro de “não aceitar com serenidade as contradições ou as críticas. Quer libertá-lo da tristeza e especialmente do mau humor. Com essa pergunta, Jesus convida Pedro a escutar seu coração e aprender a discernir”. Em síntese, ele quer evitar que Pedro se converta em destruidor, em mentiroso caritativo ou em perplexo paralisado. Insiste, até que Pedro lhe dá uma resposta realista: “Senhor, tu sabes tudo; sabes que eu te amo” (Jo 21,17). Assim, Jesus o confirma na missão. E, desse modo, o torna seu apóstolo definitivamente.

Essas cartas e as reflexões que as acompanham são importantes para compreender como Bergoglio sente que deve atuar como sucessor de Pedro, quer dizer, como Francisco.

São palavras que ele diz hoje à Igreja, repetindo-as, antes de mais nada, a si mesmo. E, sobretudo, são palavras que o Papa considera fundamentais para que a Igreja esteja hoje em condições de enfrentar tempos de desolação, de perturbação, de polêmicas falsas e antievangélicas.

Qual é o contexto das “cartas da tribulação” de hoje, propostas na segunda parte deste livro? Depois de sua viagem ao Chile e ao Peru (15-22 de janeiro de 2018), Francisco, rechaçando a lógica do “bode expiatório”, assumiu em primeira pessoa a responsabilidade

e a “vergonha” do escândalo dos abusos a menores cometidos por prelados no Chile e durante sua gestão. Com esse espírito, ao voltar a Roma, o Papa formou uma comissão especial sob a direção de S. E. Monsenhor Charles J. Scicluna, para escutar diretamente os testemunhos das vítimas e reunir documentação.

Depois da visita ao Chile e da relação da dita “Missão especial”, o papa Francisco convocou, mediante uma carta datada em 8 de abril de 2018, todos os bispos chilenos a Roma “para dialogar sobre as conclusões da mencionada visita e minhas conclusões”. É justamente o escrito de 31 anos atrás que gerou esta nova “carta da tribulação”.

Ao começar o encontro, que ocorreu entre 15 e 17 de maio de 2018, o Papa entregou aos bispos uma nova carta de dez páginas, *per se* não destinada à divulgação, mas que depois foi dada a conhecer pela emissora de televisão Canal 13. Neste volume oferecemos o dito texto.

No final do encontro, Francisco entregou aos bispos uma breve carta pública e confiou a eles uma carta ao “povo de Deus que peregrina no Chile”, que também publicamos em nossa documentação.

Fecha a segunda parte deste livro a “Carta ao povo de Deus”, de 20 de agosto de 2018, publicada depois da difusão do informe sobre os casos de pedofilia nas dioceses de Pensilvânia, nos Estados Unidos.

“As cartas da tribulação” é um volume epistolar gerado em tempo e no confronto com situações difíceis. Revela muito de Francisco e de seu modo de enfrentar o tempo da desolação.

A leitura dos dois textos de Francisco está acompanhada por um sólido guia de leitura de dois jesuítas: o padre Diego Fares, de *La Civiltà Cattolica*, que conhece o Papa há muito tempo e que esteve junto a ele também nos tempos da desolação; e o padre James Hanvey, da Universidade de Oxford, que escreveu uma aguda reflexão sobre a “Carta ao povo de Deus” acerca dos abusos.

Entretanto, o próprio papa Francisco decidiu escrever um prefácio para este livro, a fim de sublinhar o significado atual dos textos por ele propostos no já distante 1987. “Sinto que o Senhor me pede para compartilhá-los de novo”, escreve. Confirma que as cartas dos padres-gerais constituem um tratado de discernimento nos momentos de confusão e de angústia e exprime “o espírito paternal de nossos maiores que pulsa [nas cartas]” e “nos ensina e escolher a consolação”.

Elas constituem, assim, uma unidade com as outras quatro cartas escritas por Francisco no presente.

A primeira ideia dessa coleção – sob a forma de republicação do opúsculo original de 1987 – me veio durante o voo de volta da viagem ao Chile e ao Peru. Depois se viu confirmada à luz das “Cartas da tribulação” que o Papa escreveu aos bispos do Chile e ao povo de Deus. Tomou corpo no diálogo com o padre Diego Fares, que compôs os aparatos de comentário, e, por último, recebeu a sua aprovação final pelo próprio Francisco em 8 de novembro de 2018, acompanhada por seu prefácio, com o qual a oferece não somente à leitura, mas também, sobretudo, à oração.

Antonio Spadaro S.I.

PRIMEIRA PARTE

AS TRIBULAÇÕES DE ONTEM

A DOCTRINA DA TRIBULAÇÃO

Jorge Mario Bergoglio S.J.

Os escritos que seguem têm por autor dois padres-gerais da Companhia de Jesus: o padre Lorenzo Ricci (eleito geral em 1758) e o padre Jan Roothaan (eleito em 1829). Ambos tiveram de conduzir a Companhia em tempos difíceis, de perseguições. Durante o generalato do padre Ricci, foi levada a cabo a supressão da Companhia por parte do papa Clemente XIV. Havia muito tempo que as cortes borbônicas “exigiam” essa medida. O papa Clemente XIII confirmou o Instituto fundado por Santo Inácio; no entanto, os embates borbônicos não cederam até a publicação do Breve *Dominus ac redemptor*, de 1773, no qual a Companhia de Jesus era suprimida.¹

¹ As interpretações históricas sobre a conduta do papa Clemente XIV são variadas. O ponto de vista de cada uma delas parte sempre de alguma realidade objetiva. Penso que nem sempre é acertado o fato de absolutizar essa verdade, transformando-a na única chave interpretativa. Um bom compêndio sobre o tema pode ser encontrado em G. Martina (*La Iglesia, de Lutero a nuestros días*. Madrid: Cristiandad, 1974, 4 v.; v. II, p. 271-287). Contém também abundante bibliografia. O julgamento que de Clemente XIV faz Pastor, em sua *História dos papas* (v. XXXVII), é sumamente duro. Por exemplo, “a fraqueza de caráter de Clemente XIV dá a chave para entender a sua tática de ceder o máximo possível às exigências das cortes borbônicas e de restabelecer a paz por este meio...” (p. 90). “A qualidade mais fatal do novo Papa: a fraqueza e a timidez, com as quais andavam junto sua dobléz e lerdeza” (p. 82). “A Clemente XIV falta coragem e firmeza; em todas as suas resoluções é lento até um extremo incrível. Cativa as pessoas com belas palavras e promessas, as engana e as fascina. No princípio promete céus e terra, mas depois põe dificuldades e adia a solução, segundo o costume romano, ficando no fim triunfante. Dessa sorte, todos acabam por ficar presos em suas redes. Tem habilidade admirável para evitar toda decisão em suas contestações

Também ao padre Roothaan couberam tempos difíceis: o liberalismo e toda a corrente da Ilustração que desembocava na “modernidade”. Em ambos os casos, no do padre Ricci e no do padre Roothaan, a Companhia era atacada principalmente por sua devoção à Sé Apostólica: tratava-se de “um tiro no escuro”. Não faltavam, contudo, deficiências dentro das fileiras jesuítas.

Aqui o objetivo é apenas o de detalhar os fatos históricos. Baste o que foi dito para enquadrar a época dos dois padres-gerais. O importante é ter presente que, em ambos os casos, a Companhia *sofria tribulação*; e as cartas que seguem são *a doutrina sobre a tribulação* que os dois superiores recordam aos seus súditos. Constituem um tratado acerca da tribulação e do modo de suportá-la.

Em momentos de perturbação, nos quais a poeira das perseguições, tribulações, dúvidas etc. é levantada pelos acontecimentos culturais e históricos, não é fácil atinar com o caminho a seguir. Há várias tentações próprias desse tempo: discutir as ideias, não dar a devida importância ao assunto, fixar-se demais nos perseguidores e ficar ruminando ali a desolação etc. Nas cartas que

aos embaixadores; despede-os com boas palavras e elogiosas esperanças que depois não se realizam. Quem pretende conseguir uma graça terá de procurar consegui-la na primeira audiência. Além disso, um embaixador perspicaz pode descobrir o seu jogo duplo, porque é muito propenso a falar” (p. 82-83). Estes são julgamentos que Pastor toma de documentações da época, e, embora a sua opinião sobre o papa Ganganelli termine sendo negativa, é muito mais a opinião que sustenta sobre o seu secretário, frei Bontempi, também frade menor conventual, que é praticamente responsável, em grande parte, pelos erros de Ganganelli. Bontempi – segundo Pastor – tratou simoniamente com o embaixador espanhol sobre a supressão da Companhia. Conseguiu que Clemente XIV o nomeasse cardeal *in pectore*, mas fracassou quando exigiu dele, no leito de morte, a publicação do cardinalato. Pastor o apresenta como um sujeito ambicioso, sem escrúpulos, que se move nos bastidores e que procura “ficar bem”; de tal modo que prepara assim o seu futuro.

seguem vemos como os dois padres-gerais enfrentam tais tentações e propõem aos jesuítas a *doutrina* que os enrijece na própria espiritualidade² e fortalece a sua pertença ao corpo da Companhia, a qual “é primária e deve prevalecer em relação com todas as outras

² O padre José de Guibert S.I., em sua obra *La Espiritualidad de la Compañía de Jesús* (Santander, Sal Terrae, 1955), afirma: “Em consonância com isso [refere-se ao Decreto 11 da Congregação Geral XIX, que elegeu o padre Ricci como geral] se acha a emocionante série de cartas dirigidas pelo novo geral aos seus religiosos, à medida que as provas se acumulam e os perigos vão aumentando. Em 8 de dezembro de 1759, no dia seguinte aos decretos de Pombal que destruíram as províncias portuguesas, convida à oração para pedir pelo pronto *spiritum bonum*, o verdadeiro espírito sobrenatural da vocação, a perfeita docilidade à graça divina. De novo, em 30 de novembro de 1761, no momento em que a França, por sua vez, é alcançada pela tempestade, o que pede é pôr plena confiança em Deus, aproveitar-se das provações para a purificação das almas, recordar que nos aproximam mais de Deus e servem também para a maior glória de Deus. Em 13 de novembro de 1763, também insiste na necessidade de orar e de tornar mais eficaz a oração com a santidade da vida, recomendando, antes de tudo, a humildade, o espírito de pobreza e a perfeita obediência pedida por Santo Inácio. Em 16 de junho de 1769, depois da expulsão dos jesuítas espanhóis, faz novo chamado à oração, ao zelo para purificar-se dos menores defeitos. Enfim, em 21 de fevereiro de 1773, seis meses antes da assinatura do Breve *Dominus ac redemptor*, quer ver na falta de todo socorro humano um efeito da misericórdia de Deus que convida os que prova a confiar apenas nele; exorta também à oração, porém, para pedir unicamente a conservação de uma Companhia fiel ao espírito de sua vocação: “Se, o que Deus não permita, houvesse de perder esse espírito, pouco importaria que fosse suprimida, já que se teria tornado inútil para o fim para o qual fora fundada”. E termina com uma cálida exortação para manter em sua plenitude o espírito de caridade, de união, de obediência, de paciência e de simplicidade evangélica”.

“Tais são as palavras com as quais a Divina Providência quis que se encerrasse a história espiritual da Companhia no momento da prova suprema do sacrifício total que iria ser exigido. Cordara, e outros depois dele, censuraram em Ricci uma passividade excessiva diante dos ataques de que a sua Ordem era objeto, uma falta de energia e de habilidade para valer-se de todos os meios à sua disposição para frustrar os ataques; este não é o lugar para discutir se semelhante crítica está fundada, mas o certo é que, antes de ouvir os convites a recorrer a habilidades humanas, legítimas, mas, sem dúvida, totalmente inúteis, é preferível ouvir as reiteradas chamadas à fidelidade sobrenatural, à santidade da vida, à unção com Deus na oração, como coisas essenciais naquelas últimas horas da ordem, em vésperas de morrer” (p. 318-319).

(a instituições de toda ordem, sejam da Companhia ou exteriores a ela). Ela deve caracterizar qualquer outro compromisso que, por ela, é transformado em ‘missão’...”.³

Por trás das posturas culturais e sociopolíticas dessa época, estava subjacente uma *ideologia*: a Ilustração, o liberalismo, o absolutismo, o regalismo etc. No entanto, chama a atenção o fato de os dois padres-gerais – em suas cartas – não se porem a discutir com elas. Sabem de sobra que – em tais posturas – há erro, mentira, ignorância... Todavia, deixam de lado estas coisas e – ao se dirigir ao corpo da Companhia – centram a sua reflexão na *confusão* que tais ideias (e as consequências culturais e políticas) produzem no coração dos jesuítas. Pareceria como se temessem que o problema estivesse mal focalizado. É verdade que há luta de ideias, mas eles preferem ir à vida, à situacionalidade que tais ideias provocam. *As ideias se discutem, a situação se discerne*. Essas cartas pretendem dar elementos de discernimento aos jesuítas em tribulação. Por esse motivo, em sua exposição, preferem – mais que falar de erro, ignorância ou mentira – referir-se à confusão. A confusão mora no coração: é o vaivém dos diversos espíritos. A verdade ou a mentira, abstratamente, não é objeto de discernimento. A confusão, entretanto, sim. As cartas que seguem são um tratado de discernimento em época de confusão e tribulação. Mais que argumentar sobre ideias, essas cartas *recordam a doutrina* e – por meio dela – conduzem os jesuítas a *assumirem a sua própria vocação*.

“Quase não há necessidade de lembrar o protesto que o padre Ricci, moribundo, cuidou que fosse lido, no momento de receber o viático, em sua prisão do Castelo de Sant Angelo, em 19 de novembro de 1775: no momento de comparecer perante o tribunal da infalível verdade, era dever seu protestar que a Companhia destruída não tinha dado nenhum motivo para sua supressão; declarava e atestava isso com a certeza que moralmente pode ter um superior bem informado do estado de sua Ordem; depois, disse que ele mesmo não dera motivo algum, por leve que fosse, para a sua prisão” (ibid., nota 71).

³ CG XXXII, IV, 66.

Diante da gravidade desses tempos, do ambíguo das situações criadas, o jesuíta *devia discernir*, devia recompor-se em seu próprio pertencimento. Não lhe era lícito optar por alguma das soluções que negasse a polaridade contrária e real. Devia “buscar para achar” a vontade de Deus, e não “buscar para ter” uma saída que deixasse tranquilo. O sinal de que tinha discernido bem ele teria na *paz* (dom de Deus) e não na aparente *tranquilidade* de um equilíbrio humano ou de uma opção por algum dos elementos em contraposição. Concretamente, não era de Deus defender a verdade ao custo da caridade, nem a caridade ao custo da verdade, nem o equilíbrio ao custo de ambas. Para evitar converter-se num verdadeiro destruidor, num caritativo mentiroso ou num perplexo paralisado, devia discernir. E é próprio do superior ajudar no discernimento. Esse é o sentido mais profundo das cartas que seguem: um esforço da cabeça da Companhia para ajudar o corpo a tomar uma atitude de discernimento. Tal atitude *paternal* resgata o corpo do desamparo e do desenraizamento espiritual.

Finalmente, mais uma coisa acerca do método. O recurso às verdades fundamentais que dão sentido ao nosso pertencimento parece ser o único caminho para enfocar de maneira reta um discernimento. Santo Inácio o recorda antes de qualquer eleição: “O olhar da nossa intenção deve ser simples, tendo somente em vista o fim para o qual sou criado...”⁴ Além disso, não é de estranhar o recurso que, nessas cartas, os padres-gerais fazem aos pecados próprios dos jesuítas, aos quais – num enfoque meramente discursivo e não de discernimento – parecia que nada tinham a ver com a situação externa de confusão provocada pelas perseguições. O que sucede não é casual: subjaz aqui uma dialética própria da situacionalidade do discernimento: buscar – dentro de si mesmo – um estado parecido com o de fora. Nesse caso, ver-se sozinho, perseguido, poderia gerar o mau

⁴ Cf. *Exercícios espirituais*, 169.

espírito de “sentir-se vítima”, objeto de injustiça etc. Fora, pela perseguição, há confusão... Ao considerar os pecados próprios, o jesuíta pede – para si – “vergonha e confusão de mim mesmo”.⁵ Não é a mesma coisa, mas se parecem; e – dessa maneira – se está em melhor disposição de fazer o discernimento.

As cartas que seguem foram traduzidas do seu original latino⁶ [para o espanhol] pelo R. P. Ernesto Dann Obregón S.I., que desta maneira põe nas mãos de tantos leitores esta joia de nossa espiritualidade.

25 de dezembro de 1987

⁵ Cf. *ibid.*, 48.

⁶ *Epistolae Praepositorum Generalium ad Patres et Fratres Societatis Iesu*, Rollarii: Iulii De Meester, 1909, 4 v., p. 257-307 e 332-346.